

“DE DENTRO PARA FORA”: OFICINA DE TEATRO COM AS DETENTAS DO PRESÍDIO FEMININO DE CAMPO GRANDE-MS

Lauresto Franco Garcia¹; Paulo Edyr Bueno de Camargo²

¹Acadêmico do Curso de Artes Cênicas – Teatro e Dança da UEMS, Unidade Universitária de Campo Grande; E-mail: yagogarciafr@hotmail.com. Bolsista PIBEX

²Professor do Curso de Artes Cênicas – Teatro e Dança da UEMS, Unidade Universitária de Campo Grande; E-mail: pauloedyr@uems.br

Área Temática da Extensão: Educação

Resumo

“De dentro para fora” é uma oficina de teatro que está sendo realizada na Penitenciária Feminina de Campo Grande – MS. A vivência teatral pode ser utilizada como instrumento facilitador do processo de reintegração de mulheres detentas. Os objetivos dessa oficina são contribuir para o aprimoramento da convivência social entre as internas e colaborar na reflexão a respeito da sua participação na sociedade. Foram utilizados jogos cênicos da técnica do “teatro do oprimido”, visando a buscar, de forma lúdica, o resgate da auto-estima das mulheres detentas potencializando seus valores físicos e morais. Essa atividade tem contribuído para a humanização do sistema carcerário vigente fundamentado na relação de poder e desigualdade entre opressor e oprimido.

Palavras-chave: Educação. Sistema carcerário. Humanização.

Introdução

"De dentro para fora" é uma oficina de teatro que está acontecendo dentro da penitenciária feminina de Campo Grande - MS, ministrada pelo ator acadêmico de Artes Cênicas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) Lauresto Franco Garcia (Yago Garcia) e a atriz, psicóloga e diretora teatral Roma Roman. A oficina não tem como objetivo principal formar atrizes. O propósito é, por intermédio das técnicas teatrais, dos jogos teatrais e da leitura de textos teatrais, promover uma vivência teatral de maneira a fomentar a criatividade e o ser lúdico existente em cada pessoa, além de provocar uma reflexão sobre o papel individual do ser humano nas relações sociais.

Sabemos das condições precárias das instituições penais no Brasil, que, de local criado para a reabilitação do ser humano e sua reinserção na sociedade, tem, na grande maioria das vezes, se transformado num verdadeiro “depósito de gente”, isto é,

lugar de desumanização, um verdadeiro ataque a civilidade do homem. Cientes dessa problemática, buscamos uma maneira de tentar alcançar esse público.

Material e Métodos

Percebemos que no mundo capitalista tudo é muito rápido e nesse sistema o ser humano é condicionado à passividade, o que faz com que as pessoas não participem ativamente das transformações, ficando apenas como espectadores sem voz ativa e sem posicionamento. Tal situação gera uma certa acomodação nas faculdades intelectuais, produzindo indivíduos sem criatividade e ludicidade, sujeitos apáticos a tudo o que os rodeia, o que Augusto Boal chama de “ritual profano”. “A existência humana pode ser uma sucessão de mecanizações tão rígida e desprovida de vida quanto os movimentos de uma máquina. Esse tipo de teatro incrustado em nossas vidas pode também ser chamado de “ritual profano” (BOAL, 2009, p. 10).

Na instituição penal, a questão é ainda mais complexa, pois, além do aprisionamento pelo sistema capitalista, existe também o aprisionamento físico o que acarreta uma série de bloqueios emocionais e intelectuais, resultando em baixa auto-estima e repertório físico-gestual limitado. Percebendo tal problemática e tendo o entendimento da capacidade do ser humano de poder observar a si mesmo em ação e refletir sobre a ação realizada, chegamos à concepção de Augusto Boal (2009) de teatro como força transformadora.

Teatro é a capacidade dos seres humanos (ausente nos animais) de se observarem a si mesmos em ação. Os humanos são capazes de se ver no ato de ver, capazes de pensar suas emoções e de se emocionar com seus pensamentos. Podem se ver aqui e se imaginar adiante, podem se ver como são agora e se imaginar como serão amanhã (BOAL, 2009, p. 15).

A oficina de teatro “De dentro pra fora” visa, de uma maneira geral, a contribuir como agente facilitador de uma desestruturação do atual sistema carcerário além de oferecer a possibilidade de tais indivíduos conhecerem relatos de Constantin Stanislavisk, Grotowisk, e acesso a obras de Plínio Marcos e Augusto Boal. Este último, criador do “teatro do oprimido”, será enfatizado no trabalho desenvolvido na oficina por ser uma técnica que consideramos mais apropriada na discussão das relações

de poder social em situação de cárcere, conseqüentemente, geradora do ciclo opressor e oprimido.

Resultados e Discussão

A oficina “De Dentro pra Fora” tem uma carga semanal de quatro horas e, nesse período, são aplicados exercícios de integração, espaço (parcial e global), ritmo (lento e rápido), planos (alto, médio e baixo), concentração, movimento (pesado, intermediário e leve), máscara (aberta e fechada) etc. e, por intermédio desses exercícios, percebemos logo no primeiro momento a dificuldade nas relações interpessoais das detentas, a relutância de se tocarem, de se olharem e de se comunicarem verbalmente, enfim, de se expressarem. Contudo, sabemos que não se tratavam de amarras físicas e sim de entraves emocionais, e mais uma vez podemos ver o quanto a técnica teatral é facilitadora para o rompimento de tais condições emocionais, como aponta Augusto Boal: “[...] o elemento mais importante do teatro é o corpo humano; é impossível fazer teatro sem o corpo humano.” (BOAL, 2009, p. 10). Tratamos, então, de fazer aplicações dos exercícios com todo o cuidado, tentando perceber os limites individuais e o tempo de cada uma delas, sem pretensão de resultados imediatos.

Nada deve ser feito com violência ou dor em um exercício ou jogo; ao contrário devemos sempre sentir prazer e aumentar a nossa capacidade de compreender. Os exercícios e jogos não devem ser feitos dentro do espírito de competição - devemos tentar ser sempre melhores que nós mesmos, e nunca melhores que os outros (BOAL, 2009, p. 10).

Com base em Augusto Boal, portanto, buscamos a cada encontro aplicar os jogos e exercícios sem ansiedades e expectativas. Os resultados já começaram a aparecer em pouco tempo de trabalho e obtivemos respostas muito significativas, pois observamos que as detentas já estavam conversando e brincando, ou seja, entraram no jogo.

Conclusões

Durante esses poucos meses de trabalho observamos as transformações que já começam a aparecer de forma significativa em muitas das mulheres detentas que

participam da oficina, percebemos que aquilo que no início para elas era apenas uma condição obrigatória para remissão de pena, agora já é algo que faz com que elas tenham prazer de realizar, vislumbramos mudanças corporais e emocionais no trato conosco e entre elas, o que para nós tem um valor incalculável. No entanto, estamos na metade do projeto e objetivamos algo mais, apesar de não termos a pretensão de formar atrizes, temos a intenção de montar um espetáculo teatral.

“A linguagem teatral é a linguagem humana por excelência e a mais essencial” (BOAL, 2009, p. 09). Como Augusto Boal, pensamos que o teatro é algo inerente ao ser humano e essencial, isso porque todos os indivíduos no seu cotidiano praticam os jogos teatrais a todo momento (andam, falam, amam, expõem idéias) e é isso que os atores fazem em cima do palco, porém de maneira consciente porque sabem que estão utilizando a linguagem teatral. E é essa consciência que começa a se formar agora nas mulheres detentas que fazem a oficina de teatro. Ainda segundo Augusto Boal: “Todos os seres humano são atores porque agem, e espectadores, porque observam. Somos todos espect-atores.” (BOAL, 2009, p. 09). Percebemos que as mulheres já começam a manifestar suas ideias, suas visões de mundo, começam a se posicionar politicamente em relação à sociedade. Criar esses tipos de situações requisitou, para nós, ministrantes da oficina, bastante esforço. Entendemos que a melhor maneira de organizar esses pensamentos é se apropriando da linguagem teatral conceituada por Augusto Boal, ou seja, o teatro do oprimido que não deixa de ser uma forma de teatro como outra qualquer, porém tem em sua técnica a possibilidade de fazer com que seus praticantes exercitem a quebra da cadeia opressor-oprimido, fazendo assim tanto o espectador como o ator se posicionarem em relação a determinados assuntos de interesse público.

Acreditamos que a oficina de teatro “De Dentro pra fora” colaborará para o nosso crescimento enquanto profissionais da arte-educação e artistas que somos, assim como também cremos que estamos contribuindo de maneira ímpar para a reintegração das mulheres detentas à sociedade.

Agradecimentos

Agradecemos à Instituição Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) pela concessão da bolsa de extensão universitária.

Referência

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 13^a ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2009.